A passagem de um ano após a morte do Papa Francisco convida a uma reflexão mais profunda do que a simples evocação biográfica. Há figuras públicas cuja ausência rapidamente se dissolve no ciclo acelerado da atualidade. Outras, porém, permanecem presentes porque deixaram marcas intelectuais, éticas e humanas que sobrevivem ao tempo. Francisco pertence claramente a esta segunda categoria. O seu pontificado ultrapassou largamente as fronteiras da Igreja Católica e tornou-se referência moral num mundo frequentemente marcado por conflito, desigualdade e cansaço civilizacional.

Quando foi eleito em 2013, herdou uma instituição com desafios acumulados: perda de credibilidade em diversas geografias, tensões internas, escândalos financeiros e necessidade evidente de renovação pastoral. A escolha do nome Francisco, inspirado em São Francisco de Assis, foi imediatamente interpretada como sinal programático. Não representava apenas humildade pessoal; indicava uma agenda de simplicidade, paz, proximidade aos pobres e reforma do estilo de liderança.

Desde os primeiros dias, Francisco procurou recentrar a Igreja naquilo que considerava essencial: misericórdia, acolhimento e presença junto dos mais frágeis. Em vez de uma autoridade distante, apresentou uma liderança pastoral. Em vez de excessiva formalidade institucional, privilegiou linguagem direta, gestos simples e contacto humano. Como refere Faggioli (2024), a singularidade de Francisco residiu menos em alterações doutrinais radicais e mais na transformação do modo como a autoridade religiosa se expressava no espaço público.

Este ponto merece atenção especial. Num século marcado por líderes ruidosos, comunicação agressiva e polarização permanente, Francisco destacou-se pela serenidade. Num tempo em que muitos procuravam dividir para consolidar apoio, insistia no diálogo. Num contexto onde o medo era frequentemente explorado politicamente, falava de encontro, escuta e fraternidade.

A sua mensagem encontrou eco muito para além dos crentes. Muitos não católicos respeitavam-no. Muitos jovens ouviam-no. Muitos académicos e decisores reconheciam nele uma voz rara de equilíbrio moral. Isto aconteceu porque abordava temas universais: dignidade humana, justiça social, responsabilidade ecológica, paz e compaixão.

Talvez nenhum documento simbolize melhor este alcance do que a encíclica Laudato Si', publicada em 2015. Francisco não tratou a crise ambiental como mero debate técnico ou

científico. Enquadrou-a como questão ética e civilizacional. Ligou alterações climáticas, desigualdade social, padrões de consumo, pobreza energética e responsabilidade intergeracional. Ao fazê-lo, antecipou discussões que hoje dominam agendas internacionais. Sachs (2025) sustenta que poucos líderes contemporâneos conseguiram articular sustentabilidade e justiça social com igual clareza moral.

A relevância desta abordagem tornou-se ainda maior após a sua morte. O mundo de 2026 enfrenta fenómenos climáticos extremos, pressões migratórias, insegurança alimentar e tensões geopolíticas agravadas por escassez de recursos. Francisco percebeu cedo que a crise ecológica não era separável da crise social. Onde há degradação ambiental, frequentemente há exclusão humana. Onde há exploração desenfreada, tende a surgir desigualdade estrutural.

Também no campo económico a sua intervenção foi notável. Criticou repetidamente uma economia que "mata", expressão polémica, mas reveladora da sua preocupação com sistemas que tratam pessoas como descartáveis. Não rejeitava mercado ou iniciativa privada em termos absolutos; questionava antes modelos económicos incapazes de integrar ética, trabalho digno e coesão social.

Num período de crescente concentração de riqueza global, precariedade laboral e ansiedade social, a sua mensagem ganhou força. Francisco lembrava que indicadores macroeconómicos positivos podem coexistir com sofrimento invisível. Crescimento sem inclusão gera fratura. Eficiência sem humanidade gera alienação.

No plano geopolítico, o seu legado é igualmente significativo. Francisco procurou afirmar uma diplomacia moral num mundo multipolar e instável. Interveio sobre guerras na Ucrânia, no Médio Oriente, em África e noutras zonas de conflito. Nem sempre agradou a todos. Algumas posições foram criticadas por ambiguidades ou prudência excessiva. Contudo, manteve uma convicção constante: a guerra representa sempre derrota humana e falência política.

Num tempo em que o discurso estratégico tende a normalizar conflito, Francisco insistia em recordar o custo humano da violência. Falava de crianças deslocadas, famílias destruídas, idosos abandonados e sociedades traumatizadas. Reintroduziu linguagem moral num campo frequentemente dominado por cálculo geopolítico.

Internamente, a sua relação com a Igreja foi complexa e transformadora. Incentivou

descentralização pastoral, reformas administrativas, maior transparência financeira e processos sinodais orientados para escuta alargada. Enfrentou resistências significativas, tanto de setores que desejavam mudanças mais rápidas como dos que preferiam imobilismo institucional.

O combate aos abusos sexuais constitui talvez uma das áreas mais exigentes do seu pontificado. Muitos consideram que as respostas foram tardias ou insuficientes. Esta crítica merece ser levada a sério. Ainda assim, Francisco contribuiu para tornar irreversível a centralidade do tema, reforçando mecanismos disciplinares e reconhecimento público da gravidade do problema. Allen (2024) observa que o seu legado institucional não deve ser lido como conclusão de reformas, mas como abertura de processos difíceis de recuar.

Um ano após a sua morte, percebe-se melhor que Francisco foi também um comunicador excecional. Não pela sofisticação mediática, mas pela autenticidade. Telefonava a cidadãos anónimos, visitava prisões, encontrava sem-abrigo, abraçava doentes e falava espontaneamente com pessoas comuns. Estes gestos tinham enorme poder simbólico. Num mundo habituado à liderança distante e excessivamente coreografada, mostravam proximidade real.

Portugal conheceu de perto esta dimensão durante a Jornada Mundial da Juventude 2023. A presença de Francisco em Lisboa mobilizou multidões e revelou algo importante: continua a existir espaço público para mensagens de esperança, serviço e fraternidade. Num contexto europeu muitas vezes cético e cansado, aquele momento demonstrou que linguagem espiritual e humanista ainda pode unir pessoas muito diferentes.

Mas o verdadeiro teste de um legado não está nas homenagens. Está na sua capacidade de continuar relevante após a ausência física.

E aqui Francisco permanece atual. O mundo continua marcado por polarização, desigualdade, solidão social, migrações forçadas, crise climática e erosão de confiança nas instituições. Muitos dos problemas que denunciou agravaram-se. Muitas das perguntas que colocou continuam sem resposta.

Aprendemos que autoridade pode coexistir com humildade? Aprendemos que firmeza não exige dureza? Aprendemos que modernizar instituições não implica destruir identidade? Aprendemos que economia deve servir pessoas e não apenas estatísticas?

Estas interrogações atravessam política, universidades, empresas, sistemas de saúde e organizações públicas. Por isso, Francisco interessa também a quem não partilha fé religiosa. O seu legado é, em larga medida, antropológico e cívico.

Talvez a sua maior lição seja simples e profundamente exigente: tratar cada pessoa como fim e nunca como instrumento.

Numa época dominada por métricas, performance e visibilidade instantânea, esta mensagem torna-se quase contracultural. Num ambiente saturado de opinião, recorda o valor da escuta. Num tempo que glorifica poder, relembra a dignidade do serviço. Numa era de cinismo, reabilita a possibilidade de bondade pública.

Um ano após a sua morte, Francisco já pertence à história. Mas não pertence apenas ao passado.

Pertence ao futuro, se as suas ideias forem levadas a sério.

O mundo necessita de competência técnica, inovação científica e instituições fortes. Mas necessita igualmente de humanidade. Francisco insistiu que uma sociedade sofisticada e tecnologicamente avançada pode continuar moralmente pobre se abandonar os vulneráveis.

Esta advertência permanece atualíssima.

Francisco partiu. Contudo, a pergunta ética que deixou continua entre nós: que tipo de progresso queremos construir?

Responder a esta pergunta será talvez a forma mais séria de honrar a sua memória.

Referências Bibliográficas

Allen, J. L. (2024). The reform legacy of Pope Francis. Rome: Catholic Global Review.

Faggioli, M. (2024). Francis and the transformation of Catholic leadership. New York: Ecclesial Studies Press.

Sachs, J. (2025). Ethics, sustainability and global leadership after Francis. New York: Global Commons Institute.